



DA NASCENTE À FOZ: CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA HEIDEGGERIANA À GEOGRAFIA FENOMENOLÓGICA

From the Spring to the Foz: Contributions from Heideggerian Phenomenology to
Phenomenological Geography

FELIPE COSTA AGUIAR*
NELSON CORTES PACHECO JUNIOR**

Da la Primavera a la Foz: Aportes de la Fenomenología Heideggeriana a la
Geografía Fenomenológica

Resumo: Desde os primeiros escritos, o pensamento de Martin Heidegger passou a exercer uma considerável influência no modo de pensar em diversas áreas do conhecimento. O presente artigo apresenta como as contribuições do pensamento heideggeriano influenciaram a inserção da fenomenologia na Geografia, tendo como recorte os trabalhos realizados no âmbito do Grupo de Pesquisa Fenomenologia e Geografia (NOMEAR). É seminal, nesse contexto, a apreciação da importante obra “O homem e a Terra”, do geógrafo francês Eric Dardel, publicada inicialmente em 1952, como um dos pontos de partida para a ascensão da chamada geografia fenomenológica. Com isso, concluímos que a recepção do pensamento heideggeriano se deu de forma plural no NOMEAR, sendo essa pluralidade resultante da intencionalidade que moveu os pesquisadores em suas incursões sobre as experiências geográficas que investigaram. Isso não possibilitou a criação de um novo “arcabouço teórico” homogeneizante, mas a busca por formas de acessar os fenômenos em suas diferenças.

Palavras-chave: Geografia; Fenomenologia; Pensamento heideggeriano.

Abstract: Since the first writings, the thought of Martin Heidegger started to exert a considerable influence on the way of thinking in several areas of knowledge. This article presents how the contributions of Heidegger’s thought influenced the insertion of phenomenology in Geography, focusing on the works carried out within the scope of the Phenomenology and Geography Research Group (NOMEAR). It is seminal, in this context, the legacy of the important work “O homem e a Terra”, by the French geographer Eric Dardel, initially published in 1952, as one of the starting points for the rise of the so-called phenomenological geography. With this, we conclude that the reception of Heidegger’s thought took place in a plural way in NAMEAR, and this plurality resulted from the intentionality that moved the researchers in their incursions into the geographical experiences they investigated. This did not allow the creation of a new homogenizing “theoretical framework”, but search for ways of accessing the phenomena in their differences.

Keywords: Geography; Phenomenology; Heideggerian thought.

Resumen: Desde los primeros escritos, el pensamiento de Martin Heidegger empezó a ejercer una influencia considerable en la forma de pensar en varias áreas del saber. Este artículo presenta cómo los aportes del pensamiento de Heidegger influyeron en la inserción de la fenomenología en la Geografía, centrándose en los trabajos realizados en el ámbito del Grupo de Investigación en Fenomenología y Geografía (NOMEAR). Es seminal, en este contexto, el legado de la importante obra “O homem e a Terra”, del geógrafo francés Eric Dardel, publicada inicialmente en 1952, como uno de los puntos de partida para el surgimiento de la llamada geografía fenomenológica. Con esto, concluimos que la recepción del pensamiento de Heidegger se dio de manera plural en NAMEAR, y esa pluralidad resultó de la intencionalidad que movió a los investigadores en sus incursiones en las experiencias geográficas que investigaban. Esto no permitió la creación de un nuevo “marco teórico” homogeneizador, sino la búsqueda de formas de acceder a los fenómenos en sus diferencias.

Palabras clave: Geografía; Fenomenología; Pensamiento heideggeriano.

* Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná, Brasil; Email: felipeaguiar@id.uff.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6563-4763>

** Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil Email: n229211@dac.unicamp.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2056-372X>



Das Nascentes

As motivações para a elaboração do presente artigo têm como nascente a relação entre a geografia fenomenológica de Eric Dardel e o pensamento heideggeriano. Nesse sentido, objetivamos demonstrar as contribuições da fenomenologia de Martin Heidegger à geografia fenomenológica, por meio da exposição e da síntese de alguns trabalhos realizados no âmbito do Grupo de Pesquisa Fenomenologia e Geografia (NOMEAR).

Gostaríamos de lembrar que em 2019, no décimo Seminário Nacional Sobre Geografia e Fenomenologia (SEGHUM), Marandola Jr. (2020) realizou um resgate das pesquisas feitas no âmbito do Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural (GHUM) e do NOMEAR, apresentando as fenomenologias que balizaram os trabalhos realizados nos dez anos de existência desse coletivo humanista e as possibilidades por elas apontadas. Diante disso, não repetiremos o trabalho de Marandola Jr. (2020), mas seguimos no leito aberto pelo autor e apresentaremos as pesquisas realizadas posteriormente em parceria com o NOMEAR, explicitando os desdobramentos mais recentes dos esforços que Marandola Jr. (2020) narrou em seu trabalho.

Na primeira seção do artigo, dedicamo-nos a discorrer sobre a seguinte interrogação de pesquisa: “que é isto, geografia fenomenológica?”. A partir disso, trazemos à baila autores que se perguntaram sobre o fundamento da geografia fenomenológica e sobre as características desse adjetivo, que a diferencia da Geografia científica.

Na seção seguinte, expusemos Dardel como expoente da geografia fenomenológica. Apresentamos brevemente alguns dos conceitos que balizam o pensamento geográfico do autor, reformulando o modo convencional de conceber conceitos como lugar, espaço, paisagem, mundo, entre outros. Esse exercício nos permitiu organizar, ainda que brevemente, o solo epistemológico a partir do qual a geografia fenomenológica de base heideggeriana tem sido praticada no NOMEAR.

Na última seção, apresentamos alguns trabalhos frutos da geografia fenomenológica de base heideggeriana ambientados no NOMEAR. Ao final, concluímos que, apesar das diferenças temáticas dessas pesquisas, os deslocamentos do pensamento de Martin Heidegger perduram em todos os trabalhos citados. Compreendemos que, para além da criação de um esquema conceitual, as contribuições de Heidegger para a geografia fenomenológica permitem não só uma transformação na postura investigativa do geógrafo perante a realidade geográfica, mas possibilitam múltiplas formas de interpretação dos fenômenos, tendo sempre a situação como parâmetro e lugar de emergência das experiências geográficas.

O Desbordamento da Geografia Fenomenológica

Antes de evidenciar as contribuições heideggerianas à geografia fenomenológica, é necessário explorar mais detalhadamente como compreendemos esses termos, assim como a relação existente entre essas palavras.

Ferreira (2020) lançou mão da filosofia fenomenológica para pensar a geografia, então se perguntou “que é fenomenologia para a geografia humanista?”. Em seu trabalho, o autor retomou algumas problemáticas que fazem parte dos debates no âmbito da ciência geográfica. Na interrogação mencionada no início deste parágrafo, o adjetivo “humanista” está a complementar o termo “geografia” pois, juntos, representam a tradição que desde os idos dos anos 1960 tem buscado pensar uma geografia fenomenológica, senão uma fenomenologia geográfica. Por isso, antes de explorar os pontos nevrálgicos trazidos por Ferreira (2020) é preciso expor, ainda que de forma parcial, como se deu essa apropriação da fenomenologia pela Geografia.

O livro “O homem e a Terra”, do geógrafo francês Eric Dardel, foi publicado originalmente em 1952, permanecendo desconhecido durante anos pelos geógrafos. Mais tarde, o livro de Dardel foi descoberto pelos geógrafos canadenses e americanos, entre 1960 e 1970, sendo extremamente importante para a Geografia Humanista. Em 1986, o livro foi editado em italiano, em 1990 reeditado em francês e, somente em 2011, publicado em língua portuguesa, sendo essa versão uma tradução feita por Werther Holzer, persona de suma importância para o desenvolvimento do pensamento fenomenológico nos estudos geográficos, sendo ele um dos coordenadores do GHUM, um coletivo brasileiro de geógrafos que têm se dedicado às investigações em Geografia Humanista e Cultural. Inclusive, o GHUM é o criador do Seminário Nacional sobre Fenomenologia e Geografia (SEGHUM), evento bianual -, que está em sua décima segunda edição, em que pesquisadores debatem questões pertinentes à Fenomenologia e Geografia.

O pioneirismo das investigações fenomenológicas em Geografia é atribuído a Dardel (2015) por diferentes razões, uma delas é a dedicação e a autenticidade do autor para elaborar uma história fenomenológica do pensamento geográfico, colocando em suspensão o modo como a Geografia desde sempre vem atribuindo sentidos à relação dos homens com a Terra. De acordo com o autor, a relação inexorável entre os homens e a



Terra, seu lugar de morada, é denominada geograficidade, sendo ela uma geografia vivida em ato, e não um arcabouço conceitual abastado do mundo.

Comumente se atribui a Dardel influências teóricas de filósofos como Bachelard e Heidegger, mas os trabalhos de Lima (2018; 2019) apontaram aproximações entre a geografia dardeliana e o pensamento do filósofo Levinas. Apesar de diferentes influências serem atribuídas ao geógrafo em questão e sua obra ainda ser pouco explorada com profundidade, acreditamos ser impossível limitar o horizonte de pensamento de Dardel apenas a uma fenomenologia. Isso precisa ser dito antes de evidenciarmos as contribuições heideggerianas à geografia fenomenológica, pois, as diferentes influências teóricas que compuseram a concepção fenomenológica de geografia cunhada por Dardel é que permitiram o surgimento de formas variadas de se praticar a geografia fenomenológica no âmbito do NOMEAR e também do GHUM.

Podemos citar, como exemplos, os trabalhos de Lúcia Helena Gratão (2002; 2014), que promoveram um olhar bachelardiano sobre as hidropoéticas e os sabores, e a pesquisa realizada por De Paula (2010) que tomou a fenomenologia de Merleau-Ponty como possibilidade para se pensar a relação entre resiliência, corpo, lugar e cidade. No artigo de Marandola Jr. (2021) também é possível encontrar referências às produções que outros geógrafos brasileiros, mais especificamente relacionados ao GHUM, realizaram.

No frenesi de todas essas possibilidades, Ferreira (2020) observou pontos fulcrais da geografia fenomenológica, principalmente aquela realizada no Brasil. Segundo o autor, é preciso que discutamos a fenomenologia não só enquanto um fundamento para uma outra Geografia, assim como aquela científica, mas que levemos em conta as características do método fenomenológico, para então, discutirmos a geografia fenomenológica que temos praticado no âmbito da Geografia Humanista, haja vista que a fenomenologia não é o único fundamento desse campo de pesquisa. Trabalhos como os de Livia de Oliveira, por exemplo, transitaram de Piaget a Tuan.

Diante disso, concordamos com a afirmação de Marandola Jr. de que “[...] nem toda geografia humanista é fenomenológica.” (Marandola jr, 2013, p. 50). Isso se justifica por alguns pontos. Primeiramente, a fenomenologia foi apenas um dos caminhos buscados para se contrapor à Geografia moderna. Como Marandola Jr. (2013) escreveu, criar uma nova geografia não foi a intenção dos geógrafos que primeiro se apropriaram da fenomenologia, à saber, Eric Dardel, Anne Buttimer, David Seamon, Edward Relph e outros. Seus interesses estavam muito mais relacionados à construção de um contraponto para a Geografia então predominante. De forma breve, podemos sumarizar um pouco dessa história com o seguinte trecho escrito por Marandola Jr. (2013, p. 56):

Por que essa mudança de ênfase na fenomenologia é importante? Primeiramente, porque podemos identificar uma mudança na institucionalização desse horizonte na geografia brasileira: o que somos acostumados a chamar de geografia humanista, especialmente pela continuidade que identificamos com esses movimentos dos anos 1970, e que por muitos anos teve uma conotação muito negativa nas demais áreas da geografia, ora vista como não-científica, ora como não-política, hoje parece ter conseguido seu espaço. Isso tem acontecido especialmente pelo esforço epistemológico de continuar o trabalho iniciado, e não acabado, pelos geógrafos humanistas de constituir uma geografia eminentemente fenomenológica, razão pela qual o termo fenomenologia, anteriormente não representativo deste coletivo no Brasil, hoje o é (Marandola Jr, 2013, p. 56).

Apesar de todo o esforço desses geógrafos, algumas críticas podem ser tecidas sobre as apropriações teóricas e metodológicas que realizaram. Em Pickles (1985) há a crítica e a diferenciação entre geografia fenomenológica e fenomenologia geográfica, sendo a última a acepção adotada e perseguida pelos pioneiros do movimento da Geografia Humanista, e a primeira o caminho que o autor aponta ser frutífero para a superação dos desafios do campo em debate. Para Pickles, é inegável o esforço de Anne Buttimer, Edward Relph, David Seamon entre outros geógrafos para superar os desafios de seu tempo, mas também é necessário que a fenomenologia seja radicalizada na pesquisa geográfica, e não seja utilizada apenas como recurso para se praticar a Geografia moderna sob outros moldes. Diante disso, a Geografia Humanista seria carente do desenvolvimento de uma autêntica ontologia da espacialidade humana.

Sobre esse mesmo horizonte, Lafaille (1988) interpretou que havia (ainda há) a necessidade de uma apropriação radical do rigor da fenomenologia, para então, tornar possível a emergência da geografia fenomenológica. Novamente, esbarramos na problemática de até que ponto a Geografia Humanista, como alternativa à Geografia moderna, autenticamente se apropriou da fenomenologia. Mais uma vez, Marandola Jr. nos ajuda a compreender o histórico dessas apropriações e renovações:

[...] a geografia humanista, como um todo, não se aprofundou na fenomenologia ao ponto de constituir ou propor uma geografia fenomenológica. Os geógrafos deste movimento [de renovação humanista na geografia] escavaram até certo ponto (com exceção de Relph), e diante das dificuldades inerentes de se incorporar um sistema filosófico heterodoxo como a fenomenologia ao fazer científico, satisfizeram-se com a renovação conceitual que haviam conseguido e com as aberturas que se constituíram. Uma conclusão comum a autores como Entrikin (1976), Buttimer (1976) e Tuan (1976) era que a fenomenologia



era mais útil como uma orientação, como uma postura, e que ela teria limites muito claros, especialmente para a operacionalização de pesquisas empíricas” (...). Considero esta perspectiva completamente superada atualmente, com avanços e pesquisas suficientemente consistentes que mostram que a hesitação na época era circunstancial, talvez fruto do próprio estado da pesquisa fenomenológica, que ainda carecia de muitas traduções e conhecimento de textos-chave de Husserl e Heidegger, por exemplo, cuja possibilidade de pensamento espacial em ambos ainda era embrionária ou simplesmente inexistente (Marandola Jr., 2013, p. 53).

A citação a seguir, de Edward Relph, sintetiza o modo como a Geografia Humanista se apropriou da fenomenologia em suas pesquisas, partindo do princípio de que a descrição fenomenológica seria o principal método para se transformar as bases conceituais rígidas que balizavam, e ainda balizam, a Geografia:

O método fenomenológico é um procedimento para descrever o mundo cotidiano da experiência imediata do homem, incluindo suas ações, lembranças, fantasias e percepções; ele não é um método de análise ou explicação de qualquer mundo objetivo ou racional através do desenvolvimento de hipóteses e teorias prévias (Relph, 1970, p.193).

Se o método fenomenológico tem como primado a descrição fenomenológica, caberia ao geógrafo o trabalho arqueológico de remontar à experiência vivida em ato, colocando em suspensão os seus pré-conceitos, incluindo os conceitos hegemônicos referentes à experiência sob tarefa de escavação (Pickles, 1985). Apesar de todas essas asserções, apropriações e contradições, uma interrogação ainda permeia o trabalho desses geógrafos: que é a geografia fenomenológica? Na tentativa de escavar a história da Geografia Humanista por meio do estudo, comparação e diferenciação de suas diferentes bases, autores, teorias e métodos, os trabalhos de Holzer (1996; 2016) podem indicar que cada autor buscou responder essa indagação de forma específica, em coesão e coerência com os fenômenos os quais pesquisaram imersos no mundo-da-vida.

Curiosamente, a tentativa parcial e limitada de evidenciar um pouco a história, as intenções e as idiosincrasias disto que chamamos geografia fenomenológica, tornou-se um rizoma ao invés de uma história coesa e linear. Frente ao rizoma que se abriu diante dessa breve escavação, optamos por não destruir todas as argumentações que nos antecedem, pelo contrário, escolhemos finalizar esta seção com uma delas, o dito por Amorim Filho em uma conferência de 1999, quando muito do que hoje tomamos como fundamental para nossos trabalhos ainda nem tinha sido publicado e desenvolvido. Segundo o autor, não se trata de considerar a fenomenologia como modelo de método científico ou abordagem espacial da Geografia, muito menos uma apropriação de cunho ideológico, partidário ou religioso. A fenomenologia é antes de qualquer outra coisa, a ciência dos fenômenos, que tem como uma de suas máximas a “volta às coisas mesmas”, e talvez seja essa premissa a sua maior contribuição à Geografia, deixando em aberto para os autores os modos próprios como cada prática de forma autêntica a sua geografia fenomenológica.

Heidegger no Leito da Geografia Fenomenológica de Eric Dardel

Como já foi dito, a obra “O homem e a Terra” (2015) de Eric Dardel é fundamental quando refletimos sobre a geografia fenomenológica. De notável influência heideggeriana, Dardel buscou o entendimento da relação homem e Terra através da geograficidade, que expressa a essência geográfica de ser-e-estar-no-mundo.

Ao repensar a história do próprio pensamento geográfico, Dardel não reformulou os “arcabouços” conceituais pelos quais a Geografia moderna se sustentou para pensá-los sob outra ótica. Pelo contrário, o pensamento heideggeriano surgiu na obra de Dardel como um outro modo de tratar a relação existencial do ser-no-mundo para com o mundo que o circunda. Como apontou Dardel (2015, p.2), onde o “amor ao solo natal ou busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o homem à Terra, uma geograficidade do homem como modo de sua existência e de seu destino”. Sendo assim, a geograficidade emergiu nas investigações do autor não como um novo conceito a ser impetrado, mas como uma outra possibilidade de compreender a relação do homem com o espaço geográfico.

Por sinal, a própria conceituação de espaço geográfico é deslocada no âmbito da obra de Dardel. A compreensão de espaço geográfico como sinônimo de espaço geométrico, naquele momento predominante no pensamento geográfico, foi ressignificada pelo autor, sendo desestruturada pelo entendimento de espaço enquanto algo adjetivado, dotado de qualidades e sentidos que constituem a geograficidade do ser-no-mundo. Essa diferenciação é explicitada com a seguinte argumentação do autor, “o espaço geométrico é homogêneo, uniforme, neutro. Planície ou montanha, oceano ou selva equatorial, o espaço geográfico é feito de espaços diferenciados [...] o espaço geográfico é único; ele tem nome próprio: Paris, Saara, Mediterrâneo.” (Dardel, p. 2, 2015).

Consideramos a destruição (em termos heideggerianos) da tradição moderna que sustentou o pensamento sobre espaço, uma das reverberações mais importantes de Heidegger no pensamento de Dardel. Isso, pois, a partir desse deslocamento não só o conceito de espaço foi transformado, mas junto dele se deslocou



todo um esquema conceitual que sustentava as investigações geográficas.

Ao compreender a Terra como a base da existência humana, e a geograficidade como o vínculo existencial entre os homens e a Terra, Dardel situou os geógrafos em meio a uma nova querela, haja vista que o fazer geográfico que até então se propunha a operar conceitos científicos destoa daquele que se interessa pelas realidades geográficas, sendo estas expressas pelas experiências geográficas.

Uma das consequências dessa transformação do fazer científico dos geógrafos é o modo de compreender a experiência geográfica, principalmente a partir da associação entre os conceitos de geograficidade, lugar e paisagem. Pensá-los de maneira separada, como é feito de maneira geral na Geografia, pode acarretar um entendimento deficitário sobre as experiências geográficas, haja vista que, ao experienciar as realidades geográficas, a Terra não se apresenta para o ser-no-mundo de modo isolado, como os conceitos muitas vezes propõem, quase como se o que fosse lugar não pudesse ser paisagem e vice-versa. Sobre essa indissociabilidade, explicitou, citando Dardel (2015, p. 31):

É através da paisagem que o homem toma consciência do fato de que habita a Terra. “Ela coloca em questão a totalidade do ser humano, suas ligações existenciais com a Terra, ou, se preferirmos, sua geograficidade original: a Terra como lugar, base e meio de sua realização” Dardel (2015, p. 31).

Mais uma vez, o modo como Heidegger compreende o ser-no-mundo em relação com o mundo circundante se torna importante para compreendermos as asserções de Dardel sobre a constituição da existência geográfica. É importante lembrar que, ao pensar a Terra como lugar, base e meio para a realização da existência humana, o próprio conceito de lugar é deslocado. Ao invés de perpetuar as conceituações de lugar que privilegiam o sentido locacional em detrimento do topológico, Dardel propõem que lugar seja pensado como fundamento espacial da existência:

Podemos mudar de lugar, nos desalojarmos, mas ainda é a procura de um lugar; nos é necessária uma base para apresentar o Ser e realizar nossas possibilidades, um aqui de onde se descobre o mundo, um lá para onde iremos. (DARDEL, 2015, p. 41). [...] É desse ‘lugar’, base de nossa existência, que, despertando, tomamos consciência do mundo e saímos ao seu encontro, audaciosos ou circunspectos, para trabalhá-lo. (Dardel, 2015, p. 41).

Essa afirmativa nos permite trazer à baila novamente a discussão acerca do espaço e da espacialidade. Para além do modo de conceber espaço, a forma como Dardel compreende a espacialidade, relação existencial do ser-no-mundo para com o mundo circundante, é embebida das influências heideggerianas, algo que se pode perceber a partir da seguinte reflexão de Heidegger (2018), “cada mundo descobre a espacialidade do espaço que lhe cabe”. O espaço que nos cabe é aquele a partir do qual originariamente o mundo se desvela para nós, sendo ele descoberto nos lugares onde, como Dardel escreveu, trabalhamos o mundo. No mesmo sentido, Heidegger (2018) escreveu, “o espaço está sempre dentro do mundo, no sentido de que o ser-no-mundo, determinação constitutiva do *Dasein*, faz surgir o espaço”. O espaço, portanto, surge enquanto constituição do ser-no-mundo, e não mais como um espaço dissociado dele.

Tal indissociabilidade nos leva a pensar sobre as tonalidades afetivas, que Heidegger interpreta como os tons a partir dos quais a existência é tocada pelo mundo em sua disposição afetiva. O ser-no-mundo, devido à disposição afetiva, é aberto à medida que as tonalidades afetivas que compõem as realidades geográficas o tocam, fazendo com que a geograficidade aconteça com base na totalidade dos elementos que compõem a relação dos homens para com a Terra. À luz do pensamento heideggeriano essa totalidade faz referência à noção de situação, que projeta, no âmbito da filosofia de Heidegger, o ser-no-mundo como um ser-em-situação:

Do plano da geografia, a noção de situação extravasa para os domínios mais variados da experiência do mundo. A “situação” de um homem supõe um “espaço” onde ele “se move”; um conjunto de relações e de trocas; direções e distâncias que fixam de algum modo o lugar de sua existência. “Perder a localização”, é se ver desprovido de seu “lugar”, rebaixado de sua posição “eminente”, de suas “relações”, se encontrar, sem direções, reduzido à impotência e à imobilidade. Novamente a geografia, sem sair do concreto, empresta seus símbolos aos movimentos interiores do homem (Dardel, 2011, p. 14).

A totalidade das realidades geográficas não se desvela a partir da individualidade do ser-no-mundo, até porque, o fato de sermos-em-situação faz emergir diante de nós não só utensílios a serem utilizados, mas também a alteridade, que diferente das ferramentas, são dotadas do mesmo modo de ser que nós. De acordo com as contribuições de Heidegger, atribuímos ao fato ontológico da presença inevitável da alteridade o ser-com como dimensão da nossa constituição existencial e, conseqüentemente, da nossa geograficidade. Esse ser-com é basilar, porque imbui a reflexão que o geógrafo faz do espaço da prerrogativa da alteridade.

Com base em Dardel, podemos pensar a experiência geográfica de paisagem como desvelamento das relações com o outro, que se apresentam nas realidades geográficas. Segundo o autor, “a paisagem não é, em sua essência, feita para se olhar, mas a inserção do homem no mundo, lugar de um combate pela vida, mani-



festação do ser com os outros, base de seu ser social” (Dardel, 2015, p.32). Por isso, no que tange à situação geográfica, os lugares se imiscuem nas paisagens e vice-versa, certa vez que o compartilhamento de sentidos, coisas, pessoas e relações habitam esses entre-meios. Aliás, o modo como Dardel compreende a experiência geográfica de paisagem está muito relacionado às descrições que Heidegger realizou sobre o templo grego e a sua instauração no mundo. Em Saramago (2012) é possível encontrar essa relação também para com o lugar.

Esses são lineamentos gerais que podemos esboçar para evidenciar algumas das influências de Heidegger na geografia de Eric Dardel. Dito isso, na seção seguinte, nos dedicaremos a trazer a reboque alguns dos afluentes do pensamento heideggeriano no NOMEAR, certa vez que a geografia fenomenológica praticada pelos pesquisadores desses grupos é influenciada por Dardel, mas não se fecha somente em suas obras.

Afluentes do Pensamento Heideggeriano no Nomear

No que tange às contribuições heideggerianas à geografia fenomenológica, o esforço em revelá-las não é recente, muito menos intenção unicamente nossa. Marandola Jr. vem se dedicando a essa tarefa, esboçando suas ideias em diferentes trabalhos. Fruto desse esforço, podemos trazer a reboque alguns dos escritos que salvaguardam essa intencionalidade.

Em trabalho publicado em 2009, Marandola Jr. já demonstrava a filosofia heideggeriana como matriz do pensamento geográfico influenciando a obra de Dardel, questionando-se sobre as suas possibilidades, as implicações dessa apropriação, bem como sobre as consequências dessas apropriações no uso de conceitos já estabilizados no âmbito da Geografia. O esforço do autor em desvelar essas influências perdurou. Em artigo publicado no ano de 2012, o geógrafo investigou a influência do pensamento de Heidegger sobre a formação e consolidação da abordagem fenomenológica no movimento humanista estadunidense, que corresponde aos autores que se apropriaram de Dardel para compor suas pesquisas nos idos de 1960-1970 (Marandola Jr., 2012).

Ao se aprofundar nessa temática, mais especificamente nos conceitos de *place* e *placeness*, de Edward Relph (1976), Marandola Jr. (2016) concluiu que os conceitos de autenticidade, inautenticidade, propriedade e impropriedade de Heidegger foram apropriados por Relph para possibilitar as interpretações que o autor fez sobre as identidades dos lugares, sendo eles uma possibilidade de deslocar a discussão do conceito de lugar para os aspectos fenomenológicos do fenômeno lugar.

Em outra tentativa de analisar como o pensamento heideggeriano possibilita que os geógrafos repensem à base conceitual e epistemológica da Geografia, Dal Gallo e Marandola Jr. (2016) exploram como o conceito fundamental de mundo pode construir uma ontologia da geografia, valendo-se das contribuições heideggerianas para repensar o conceito de mundo, comumente adotado pela Geografia como mundialização, globalização e/ou mundo global. Nesse sentido, a forma como mundo é abordado pelos autores se aproxima de uma concepção espacializante desse conceito, pois o remete à espacialização do *Dasein*.

De certa forma, todo esse movimento, com o passar do tempo, nos parece seguir os caminhos já indicados por Amorim Filho (1999). Corroborando com as considerações desse autor, Dal Gallo, Arias e Marandola Jr. (2014) apontaram que a fenomenologia tem adentrado a Geografia de forma profunda, desestabilizando a base epistemológica homogênea dos âmbitos de discussões geográficas, aproximando Geografia e geógrafos de uma concepção existencial de Ciências Humanas, de religação do conhecimento com o mundo-da-vida. Por sinal, é dessa necessidade que Almeida e Marandola Jr. (2018) tentam desconstruir, no sentido heideggeriano do termo, a ideia objetiva de mente, tensionando os sentidos que naturalmente atribuímos a esse conceito, permitindo uma renovação no que se refere a ele, pensando-o como espacialidade e espacialização, sendo esse movimento a demonstração de uma desestruturação da própria forma de conceber o conhecimento no âmbito da Geografia.

Marandola Jr. (2020) apresenta e sintetiza outros trabalhos que compõem a história de contribuição acadêmica não só do NOMEAR, mas também do GHUM. Como foi dito antes, gostaríamos de apresentar as reverberações mais recentes dos desdobramentos anunciados pelo autor no X SEGNUM, em 2019.

Mais recentemente, Marandola Jr. publicou o livro “Fenomenologia do ser-situado: crônicas de um verão tropical urbano” (2021). Nessa obra, o autor propôs uma reflexão fenomenológica da crise sociedade-ambiente (natureza-cultura) que, segundo ele, abarca outras crises do nosso tempo, como a crise do pensamento, a crise do sujeito, a crise ambiental e a crise da civilização. Esse livro não é um tratado heideggeriano de geografia, mas enxerga em sua obra uma possibilidade para o verdadeiro pensar, como Marandola Jr. (2012, p. 37) escreveu.

Houve também a aproximação da geografia fenomenológica com as pesquisas sobre religiosidade. Pacheco Junior (2020), em Dissertação de mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense (UFF), sob orientação do Prof. Dr. Antonio Bernardes, interpretou as lugaridades em Guiné-Bissau a partir das religiosidades. O autor explorou o cotidiano do guineense e como a experiência religiosa constitui o seu *tchon* (chão em crioulo guineense), contrastando com a presença do outro que professa o protestantismo.

Recentemente alguns trabalhos do NOMEAR têm se dedicado a pensar a educação geográfica e a formação de professores de Geografia à luz de Heidegger.



Oliveira (2022) defendeu sua Tese de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Jeani Delgado Paschoal Moura e coorientação do Prof. Dr. Eduardo José Marandola Jr., intitulando-a como “Escola como ponta de lança: experiências geográficas e modos-de-ser *dasein*-aprendiz”. Em sua tese de doutorado, a pesquisadora se aprofundou na compreensão da escola como ponta de lança, fazendo referência à asserção heideggeriana de que o lugar é como a ponta de lança. Além disso, a autora explorou como *Dasein* se constitui aprendiz, ou melhor, como o aprendiz se constitui enquanto *Dasein* por meio de diferentes modos-de-ser, sendo eles fundados e manifestados nas experiências geográficas.

Algumas dessas reflexões foram escritas por Moura e Oliveira (2022) e publicadas em artigo na Revista Geograficidade, periódico responsável por veicular publicações relacionadas à Geografia Humanista Cultural e, consequentemente, à geografia fenomenológica.

Também dedicado a pensar a formação de professores à luz de Heidegger, há a Dissertação de mestrado de Aguiar (2022), intitulada “Entre fios de exaustão, laços de resiliência: narrativas de professores no Facebook”, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF, sob a orientação e coorientação dos professores Prof^a. Dr^a Regina Frigério e Prof. Dr. Antonio Bernardes. O autor objetivou refletir como os professores experienciam exaustão nos cotidianos escolares pensando-a como tonalidade afetiva. A abordagem heideggeriana da exaustão, nesse caso, permitiu que o autor a compreendesse como tonalidade afetiva que se insere na significância, sendo essa uma rede de sentidos onde todas as coisas se interligam. Ao experienciarem a exaustão, os professores ressignificam todo o mundo circundante, atribuindo sentidos a ele por meio da experiência de esgotamento. Exauridos, a exaustão passa a ser o modo como os docentes respondem às solicitações que o mundo os faz. Assim, o autor concluiu que a experiência de exaustão permeia todo o lugar no qual o exausto se encontra, contaminando toda a atmosfera que o circunda.

Da Foz

Diante da demonstração que buscamos fazer sobre as contribuições da fenomenologia de Martin Heidegger à geografia fenomenológica, por meio da exposição e da síntese de trabalhos realizados no âmbito do NOMEAR, concluímos que a recepção e prática do pensamento heideggeriano permitiu o surgimento de diferentes abordagens na geografia fenomenológica.

Na verdade, a pluralidade de abordagens das realidades geográficas é uma das características fundamentais da geografia fenomenológica. Diferentemente da Geografia, seja ela moderna ou não, que lança mão de “arcabouços” teóricos e métodos mais estritos e ligados ao pensamento científico, a geografia fenomenológica tem as experiências geográficas não só como foco de investigação, mas também como ponto de partida. Sendo assim, as indagações, as considerações do pesquisador, os métodos, a metodologia e as referências de trabalho emergem no contato com a experiência geográfica, e não antes, como geralmente é reproduzido convencionalmente entre as pesquisas em Geografia. Reside na geografia fenomenológica, portanto, uma possibilidade de compreensão dos fenômenos em ato, fazendo referência a Dardel.

Com base em Dardel, a fenomenologia ultrapassa a visão comum que a propõe como uma postura investigativa, tornando-se uma possibilidade de destruição (em termos heideggerianos) da própria história do pensamento geográfico e, portanto, do fazer científico dos geógrafos. Nesse sentido, a postura que devemos construir com a fenomenologia é aquela que se assemelha à da destruição, que Heidegger por vezes mencionou ser necessária no que se referia ao tratamento à Metafísica. Essa renovação não se trata da construção de um novo esquema conceitual ou metodológico, como se isso fosse resolver as questões que os fenomenólogos criticaram e ainda criticam na Ciência moderna. Pelo contrário, só mudaria as máscaras do problema, enquanto eles tenderiam a se intensificar. Para tanto, é preciso que renovemos, à luz da fenomenologia, o próprio fazer dos geógrafos.

Nessa seara, os trabalhos que apresentamos são embebidos da premissa da destruição de um fazer científico, para então, construir uma geografia fenomenológica não aos moldes da Geografia moderna, que diversos deles criticam, mas aos moldes dos fenômenos que pesquisam, em constante relação para com as realidades geográficas que se dedicam a estudar. Aliás, se a Fenomenologia é comumente compreendida como o estudo dos fenômenos, daquilo que se apresenta e se mostra à consciência, qual seria o melhor caminho para construir uma geografia fenomenológica que não fosse a própria realidade - geograficidade a partir da qual os fenômenos emergem? Longe de querer uma resposta objetiva e absoluta para esse questionamento, o escolhemos para encerrar este trabalho como modo de nos lançarmos nos caminhos de outras possibilidades, ao invés de nos fecharmos em algemas conceituais e metodológicas.

Referências

- Aguiar, F. C. (2022). *Entre fios de exaustão, laços de resiliência: narrativas de professores no Facebook* (Dissertação de Mestrado em Geografia). Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes.
- Almeida, N. C. M. & Marandola Jr, E. (2018). A desconstrução da ideia objetiva de mente em Heidegger: o *Dasein* como espacialidade. Em: A. Barata, G. P. Filho, P. D. Fraga & S. G. Hoepfner (Orgs.), *Filosofia, Comunicação e Subjetividade: Volume 2, Pensamento Crítico, Psicologia e Educação* (pp. 151-164). Covilhã: Universidade da Beira Interior.



- Amorim Filho, O. B. (1999). A evolução do pensamento geográfico e a fenomenologia. *Sociedade & Natureza*, n. 21 e 22, 67-87.
- Dal Gallo, P.M.; Bernal, D. A. & Marandola Jr, E. (2014). A ciência em uma perspectiva heideggeriana: caminhos do pensar geográfico fenomenológico. Em: *14 Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia – SNHCT* (pp. 1-16). Belo Horizonte: UFMG.
- Dal Gallo, P. M. & Marandola Jr, E. (2016). O conceito fundamental de mundo na construção de uma ontologia da geografia. *Geosp – Espaço e Tempo (Online)*, v. 19, n. 3, 551-563.
- Dardel, E. (2015). *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica* (W. Holzer, Trad.). São Paulo: Perspectiva. (Originalmente publicado em 1952).
- De Paula, F. (2010). *Constituições do habitar: reassentamento do Jd. São Marcos para o Jd. Real* (Dissertação de Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Ferreira, R. B. (2020). Investigações iniciais sobre geografia fenomenológica. *Revista Geografias*, 93-109.
- Gratão, L. H. B. (2002). *A poética d' "O Rio" – ARAGUAIA! De Cheias... & Vazantes... (À) Luz da Imaginação!* (Tese de Doutorado em Ciências - Geografia Física). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Gratão, L. H. B. (2014). Sabor e paisagem – o que revela o pequi nesta imbricação de ser e essência cultural. *Geograficidade*, v. 4, n. Especial, 4-12.
- Heidegger, M. (2018). *Ser e Tempo* (F. Castilho, Trad.). Campinas: Ed. UNICAMP.
- Holzer, W. (1996). A Geografia Humanista: uma revisão. *Espaço e Cultura*, n. 3, 8- 19.
- Holzer, W. (2016). *A Geografia Humanista: sua trajetória 1950-1990*. Londrina: EDUEL.
- Lafaille, R. (1988). *La Geographie et ses marges* (Tese de Doutorado). Faculte des Etudes Avancees et de la Recherche. McGill University.
- Lima, J. S. (2018). Dardel levinasiano? O sentido da hipóstase e a irrupção do sujeito no lugar. *Geograficidade*, v. 8, 149-160.
- Lima, J. S. (2019). Identidade e lugar na metafenomenologia da alteridade Payayá. *GEOTEXTOS (ONLINE)*, v. 15, 13-33.
- Marandola Jr, E. (2009). Heidegger como matriz do pensamento fenomenológico em Geografia. Em: *Anais do Encontro Nacional do Pensamento Geográfico*. São Paulo: USP.
- Marandola Jr, E. (2012). Heidegger e o pensamento fenomenológico em Geografia: sobre os modos geográficos de existência. *Geografia*, v. 37, n. 1, 81-94.
- Marandola Jr., E. (2013). Fenomenologia e pós-fenomenologia: alternâncias e projeções do fazer geográfico humanista na geografia contemporânea. *Geograficidade*, v. 3, n. 2, 49-64.
- Marandola Jr, E. (2016). Identidade e autenticidade dos lugares: o pensamento de Heidegger em Place and Placelessness, de Edward Relph. *Geografia*, v. 41, n. 1, 5-15.
- Marandola Jr, E. (2020). Na fissura do presente/In the disruption of the present. *Geograficidade*, 10 (Especial), 48-72.
- Marandola Jr, E. (2021). *Fenomenologia do ser-situado. Crônicas de um verão tropical urbano*. São Paulo: Editora UNESP.
- Oliveira, L. A. de (2022). *Escola como ponta de lança: experiências geográficas e modos-de-ser Dasein-aprendiz* (Tese de Mestrado em Geografia). Universidade Estadual de Londrina, Londrina.
- Oliveira, L. A. de & Moura, J. D. P. (2022). Ser-no-mundo no ensinar e aprender geografia: possibilidades para uma educação geográfica humanista e existencial. *Geograficidade*, 11 (2), 24-36.



- Pacheco Junior, N. C. (2020). *Da capital às tabancas: A lugaridade entre os guineenses e os missionários protestantes em Guiné-Bissau* (Dissertação de Mestrado em Geografia). Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional / Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes.
- Pickles, J. (1985). *Phenomenology, Science and Geography: spatiality and the human sciences*. Cambridge; Cambridge University Press.
- Relph, E. (1970). An inquiry into the relations between phenomenology and geography. *Canadian Geographer*. 14 (3), 193-201.
- Relph, E. (1976). *Place and Placelessness*. Londres: Pion Limited.
- Saramago, L. (2012). Como Ponta de Lança: O Pensamento do Lugar em Heidegger. In: Eduardo Marandola Jr; Werther Holzer & Livia Oliveira (Orgs). *Qual o espaço do lugar? Geografia, epistemologia e fenomenologia*. São Paulo: Editora Perspectiva.

Submetido em 13.01.2023 – Primeira Decisão Editorial em 20.02.2023 – Aceito em 01.03. 2023